

O CÉU E A TERRA: OS ANJOS

325-336



INTRODUÇÃO

O binômio céu e terra indica a totalidade da criação que é obra do Pai. No símbolo niceno-constantinopolitano esse binômio é enriquecido com outras palavras: “céu e terra”, “coisas visíveis e invisíveis”. Sublinha-se assim não somente a distinção mas também a relação que há entre o mundo terrestre e o celeste. Se a terra é o lugar da realidade material e a habitação do homem, o céu, na linguagem bíblica, além de significar o firmamento, indica a glória escatológica e a morada de Deus e dos anjos que o circundam.

Os parágrafos que estudaremos juntos tratam sobre os seres puramente espirituais (“coisas = realidades invisíveis”). Há duas atitudes extremas e opostas que o Catecismo procura evitar: de um lado a cética desconfiança em relação à existência real dos anjos como se eles fossem mera invenção adequada a uma psicologia imatura, e de outro a fantasia exotérica que pretende conhecer uma infinidade de coisas sobre os anjos (seus nomes, a hora em que agem, o modo de invocá-los, etc.). Em outras palavras: devem ser evitados tanto o ceticismo racionalista quanto o exoterismo exagerado e irracional.

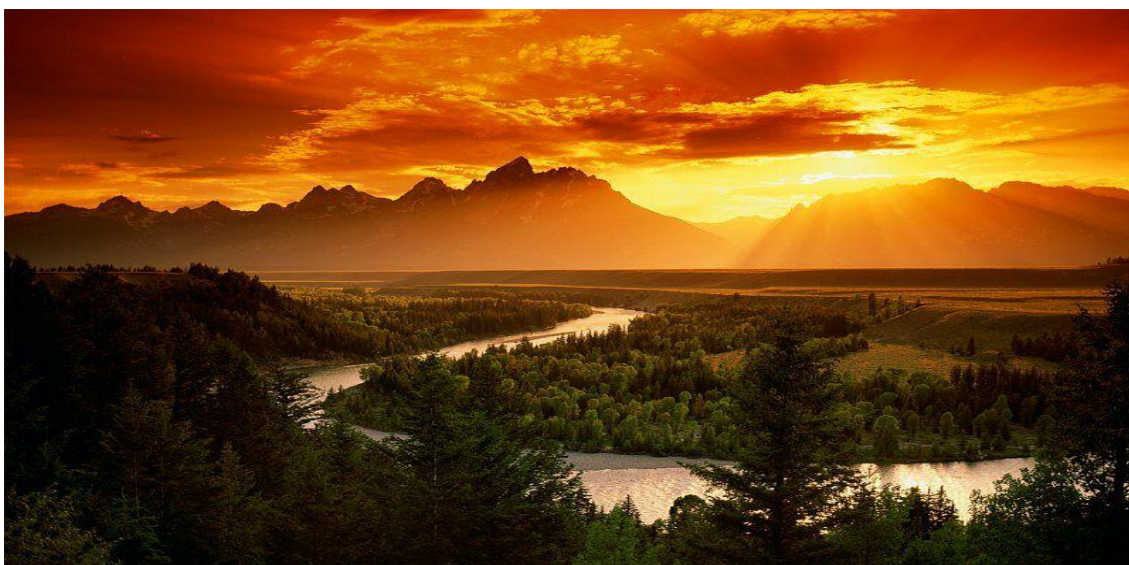
O Catecismo da Igreja Católica afirma a **existência** dos anjos, como “verdade de fé” testemunhada pela Escritura e pela Tradição (328), e a sua “criação do nada” (327). Especifica a **identidade** deles como criaturas espirituais, dotadas de inteligência e vontade e superiores às criaturas visíveis (330). Expõe a **missão** dos anjos como servidores e mensageiros de Deus e fiéis executores de suas ordens (329). Destaca e acentua a relação dos anjos com o mistério de Cristo (331). A **centralidade** de Cristo tem dois motivos: **a)** os anjos e toda a criação foram criados por meio dele e para ele, **b)** os anjos são mensageiros dos desígnios de salvação de Cristo.

TEXTO 325-336

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

CAPÍTULO I: CREIO EM DEUS PAI

ART. 1: *CREIO EM DEUS PAI TODO-PODEROSO, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA*



PARÁGRAFO 5: CÉU E A TERRA

325. O Símbolo dos Apóstolos professa que Deus é «Criador do céu e da terra». E o Símbolo Niceno-Constantinopolitano explicita: «de todas as coisas, visíveis e invisíveis».

326. Na Sagrada Escritura, a expressão «céu e terra» significa: tudo o que existe, a criação inteira. Indica também o laço que, no interior da criação, ao mesmo tempo une e distingue céu e terra: «a terra» é o mundo dos homens; «o céu» ou «os céus» pode designar o firmamento, mas também o «lugar» próprio de Deus: «Pai nosso que estais nos céus» (Mt 5,16), e, por conseguinte, também «o céu» que é a glória escatológica. Finalmente, a palavra «céu» indica o «lugar» das criaturas espirituais – os anjos – que rodeiam Deus.

327. A profissão de fé do quarto Concílio de Latrão afirma que Deus, «desde o princípio do tempo, criou do nada ao mesmo tempo uma e outra criatura, a espiritual e a corporal, isto é, os anjos e o mundo terrestre. Depois criou a criatura humana, que participa das duas primeiras, formada, como é, de espírito e corpo».

I. Os anjos

A EXISTÊNCIA DOS ANJOS UMA VERDADE DE FÉ

328. A existência dos seres espirituais, não-corporais, a que a Sagrada Escritura habitualmente chama anjos, é uma verdade de fé. O testemunho da Escritura é tão claro como a unanimidade da Tradição.

QUEM SÃO OS ANJOS?

329. Santo Agostinho diz a respeito deles: «*Angelus [...] officii nomen est, non naturae. Quaeris nomen naturae, spiritus est; quaeris officium, angelus est: ex eo quod est,*

spiritus est: ex eo quod agit, ângelus – Anjo é nome de ofício, não de natureza. Desejas saber o nome da natureza? Espírito. Desejas saber o do ofício? Anjo. Pelo que é, é espírito: pelo que faz, é anjo (anjo = mensageiro)». Com todo o seu ser, os anjos são *servos* e mensageiros de Deus. Pelo fato de contemplarem «continuamente o rosto do meu Pai que está nos céus» (Mt 18,10), eles são «os poderosos executores das suas ordens, sempre atentos à sua palavra» (Sl 103,20).

330. Enquanto criaturas puramente espirituais, são dotados de inteligência e vontade: são criaturas pessoais e imortais. Excedem em perfeição todas as criaturas visíveis. O esplendor da sua glória assim o atesta.



CRISTO «COM TODOS OS SEUS ANJOS»

331. Cristo é o centro do mundo dos anjos (angélico). Estes pertencem-Lhe: «Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os [seus] anjos...» (Mt 25,31). Pertencem-Lhe, porque criados por e para Ele: «em vista d'Ele é que foram criados todos os seres, que há nos céus e na terra, os seres visíveis e os invisíveis, os anjos que são os tronos, senhorias, principados e dominações. Tudo foi criado por seu intermédio e para Ele» (Cl 1,16), E são d'Ele mais ainda porque Ele os fez mensageiros do seu plano salvador: «Não são eles todos espíritos ao serviço de Deus, enviados a fim de exercerem um ministério a favor daqueles que hão de herdar a salvação?» (Hb 1,14).

332. Ei-los, desde a criação e ao longo de toda a história da salvação, anunciando de longe ou de perto esta mesma salvação, e postos ao serviço do plano divino da sua realização: eles fecham o paraíso terrestre; protegem Ló, salvam Agar e seu filho, detêm a mão de Abraão pelo seu ministério é comunicada a Lei, são eles que conduzem o povo de Deus, anunciam nascimentos e vocações assistem os profetas– para não citar senão alguns exemplos. Finalmente, é o anjo Gabriel que anuncia o nascimento do Precursor e o do próprio Jesus.

333. Da Encarnação à Ascensão, a vida do Verbo Encarnado é rodeada da adoração e serviço dos anjos. Quando Deus «introduziu no mundo o seu Primogénito, disse: Adorem-nO todos os anjos de Deus» (Hb 1,6). O seu cântico de louvor, na altura do nascimento de Cristo, nunca deixou de se ouvir no louvor da Igreja: «Glória a Deus » (Lc 2,14). Eles protegem a infância de Jesus, servem-nO no deserto e confortam-nO na

agonia no momento em que por eles poderia ter sido salvo das mãos dos inimigos como outrora Israel. São ainda os anjos que «evangelizam», anunciando a Boa-Nova da Encarnação e da Ressurreição de Cristo. E estarão presentes aquando da segunda vinda de Cristo, que anunciam, ao serviço do seu juízo.



OS ANJOS NA VIDA DA IGREJA

334. Daqui resulta que toda a vida da Igreja se beneficia da ajuda misteriosa e poderosa dos anjos.

335. Na sua liturgia, a Igreja associa-se aos anjos para adorar a Deus três vezes santo (194); invoca a sua assistência (como na oração “In paradisum deducant te angeli – conduzam-te os anjos ao paraíso” da Liturgia dos Defuntos, ou ainda no «Hino querubínico» da Liturgia bizantina, e festeja de modo mais particular a memória de certos anjos (São Miguel, São Gabriel, São Rafael e os Anjos da Guarda).

336. Desde o seu começo até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência e intercessão. «Cada fiel tem a seu lado um anjo como protetor e pastor para o guiar na vida». Desde este mundo, a vida cristã participa, pela fé, na sociedade bem-aventurada dos anjos e dos homens, unidos em Deus.





REVISANDO TEMAS

Faz parte da nossa fé crer na existência dos anjos. A Bíblia dá testemunho sóbrio dessas criaturas celestes que se colocam como mensageiros entre Deus e os homens, sobretudo nos Evangelhos no qual os anjos são descritos com um papel bem definido. A Escritura e a Tradição nos falam somente o que precisamos saber sobre eles.

Os anjos são criaturas espirituais que dependem de Deus. Elas subsistem na plena identidade de sua condição puramente espiritual. Nesse sentido, eles não têm corpo e, por isso, não estão ligados às funções do corpo: eles não conhecem através dos sentidos do corpo (como acontece conosco), não tem instintos, não são masculinos nem femininos. A individualidade deles não procede da corporeidade.

A perfeição dos anjos depende da proximidade ao Criador. Quanto mais próximos de Deus, tanto mais perfeitos. Não se trata, porém, de uma perfeição que coincida com a perfeição divina, uma vez que são criaturas e receberam a existência de Deus. O ser deles é recebido e, por isso, eles não são eternos.

Os anjos são pessoas, mas diferente das pessoas humanas, não são pessoas compostas de alma e corpo.

Leitura complementar

JOÃO PAULO II
AUDIÊNCIA GERAL DE
9 de julho de 1986

As nossas catequeses sobre Deus criador do mundo não podem terminar sem que dediquemos uma atenção adequada a um conteúdo específico da revelação divina: a criação dos seres puramente espirituais que a Sagrada Escritura chama de “anjos”. Essas criaturas aparecem nos Símbolos da fé, especialmente no Símbolo niceno-constantinopolitano: “Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas (isto é, dos seres) visíveis e invisíveis”. Sabemos que o homem ocupa um lugar privilegiado na criação: graças ao corpo, ele pertence ao mundo visível, e, por causa de sua alma espiritual, que vivifica o corpo, ele se encontra quase no limiar entre o mundo visível e o invisível. A este último, o Credo que a Igreja professa à luz da

revelação, pertencem os outros seres puramente espirituais. Eles constituem um mundo específico.

É preciso reconhecer que há grande confusão quanto aos anjos: há o risco de considerar como fé da Igreja o que na verdade não o é, ou então de menosprezar algum aspecto importante da verdade revelada. A existência dos seres espirituais, que a Sagrada Escritura chama de “anjos”, era negada nos tempos de Cristo pelos saduceus (cf. At 23,8). Negaram-na também os materialistas e racionalistas de todos os tempos. Mas “para nos livrar da fé na existência dos anjos, seria necessário corrigir radicalmente a própria Sagrada Escritura e, com ela, toda a história da salvação” (A. Winklhofer, *Die Welt der Engel*, Ettal 1961, p. 144, nota 2; in *Mysterium Salutis*, II, 2, p.726). Toda a Tradição é unânime nessa questão. O Credo da Igreja é no final das contas um eco do que Paulo escreve aos Colossenses: “nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades; tudo foi criado por ele e para ele” (Cl 1,16). Em outras palavras, Cristo, o Filho-Verbo eterno e consubstancial ao Pai, “gerado antes de toda a criatura” (Cl 1,15) está no centro do universo como razão e eixo ao redor do qual gira toda a criação.

A referência ao “primado” de Cristo nos ajuda a compreender que a verdade sobre a existência e a ação dos anjos (bons e maus) não constitui o conteúdo central da Palavra de Deus. Na revelação, Deus fala primeiramente “ao homem... se entretém com ele como amigo para convidá-lo e admiti-lo na comunhão divina” (DV 2). Assim “a verdade profunda tanto de Deus quanto da salvação dos homens” é o conteúdo central da revelação que “resplende” plenamente na pessoa de Cristo. A verdade sobre os anjos é uma verdade em certo sentido “colateral” e, mesmo assim, inseparável da revelação que tem como centro a existência, a majestade e a glória do Criador que refulgem em toda a criação “visível e invisível” e na ação salvadora de Deus na história do homem. Os anjos não são, portanto, criaturas de primeiro plano na realidade da revelação e, mesmo assim, pertencem plenamente a ela, tanto que, em alguns momentos, os vemos cumprir tarefas fundamentais em nome do próprio Deus.

A Providência abraça também o mundo dos espíritos puros que, mais ainda do que os homens, são seres racionais e livres. Na Sagrada Escritura encontramos preciosas indicações a esse respeito. Também nela encontramos a revelação do drama misterioso e real que se refere a essas criaturas angélicas, sem que nada fuja à eterna Sabedoria, que com força (*fortiter*) e com bondosa suavidade (*suaviter*) tudo leva ao seu cumprimento no Reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Reconhecemos sobretudo que a Providência, como amorosa Sabedoria de Deus, se manifestou na criação dos seres puramente espirituais para que melhor se manifestasse a semelhança de Deus neles, os quais superam em muito tudo o que foi criado no mundo visível, inclusive o homem que também é incancelável imagem de Deus. Deus que é Espírito absolutamente perfeito se manifesta sobretudo nos seres espirituais que, pela sua natureza espiritual, estão muito mais próximos dEle do que as criaturas materiais. Eles constituem quase o “ambiente” mais vizinho do Criador. A Sagrada Escritura oferece um testemunho bastante explícito dessa proximidade dos anjos a Deus. A Bíblia fala deles com linguagem figurada: eles são como o “trono” de Deus, as suas “fileiras”, o seu “céu”. O testemunho das Escrituras inspirou a poesia e a arte dos séculos cristãos que nos apresentam os anjos como a “corte de Deus”.